

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE BELAS ARTES

BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

HABILITAÇÃO EM DESENHO

ILUSTRAÇÃO E COMUNICAÇÃO DE MASSA: EXPLORANDO
RELAÇÕES ENTRE IMAGEM, TEXTO E MÚSICA POP COM FOCO
EM ENGENHEIROS DO HAWAII

GABRIEL ELEUTÉRIO MOREIRA ALEIXO

BELO HORIZONTE

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE BELAS ARTES

BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

HABILITAÇÃO EM DESENHO

ILUSTRAÇÃO E COMUNICAÇÃO DE MASSA: EXPLORANDO
RELAÇÕES ENTRE IMAGEM, TEXTO E MÚSICA POP COM FOCO
EM ENGENHEIROS DO HAWAII

GABRIEL ELEUTÉRIO MOREIRA ALEIXO

Orientadora: Andréa de Paula Xavier Vilela

Trabalho de conclusão de curso submetido ao corpo docente do curso de graduação em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do certificado de bacharel em Artes Visuais com habilitação em desenho.

BELO HORIZONTE

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE BELAS ARTES

BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

HABILITAÇÃO EM DESENHO

ILUSTRAÇÃO E COMUNICAÇÃO DE MASSA: EXPLORANDO
RELAÇÕES ENTRE IMAGEM, TEXTO E MÚSICA POP COM FOCO
EM ENGENHEIROS DO HAWAII

Gabriel Eleutério Moreira Aleixo

Aprovada por:

Profa. Andréa de Paula Xavier Vilela, Dra.

(Orientadora)

Profa. Camila Rodrigues Moreira Cruz, Dra.

(Membro Interno)

BELO HORIZONTE, MG, BRASIL

JULHO, 2023.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo refletir sobre minha jornada na Escola de Belas Artes, abrangendo o período de 2018 a 2023, até culminar no projeto *Meu Top Ten – Ilustrando Engenheiros do Hawaii* que surge como um resultado da trajetória desenvolvida. Inicialmente esta pesquisa destaca minha evolução, mudanças e direcionamentos que levaram meu trabalho à mídia digital, à ilustração e à aproximação com uma produção ligada à cultura de massa. Refletir acerca dessa trajetória foi de extrema importância para compreender e identificar a coerência existente no caminho que meu trabalho percorreu e o ponto a que chegou ao longo desses anos.

Dessa forma, o projeto final - *Meu Top Ten – Ilustrando Engenheiros do Hawaii*, em que ilustro músicas da banda *Engenheiros do Hawaii*, reflete essa trajetória como um todo, demonstrando a coerência do percurso percorrido. Neste trabalho dialogo diretamente com a comunicação de massa por meio de ilustrações que relacionam texto, imagem e música no contexto do álbum *Acústico MTV 2004* da banda. A pesquisa visa explorar como as ilustrações vão além do texto e da música, proporcionando uma camada adicional de interpretação e significado para esta obra musical. A importância desse estudo reside na compreensão das interconexões entre diferentes formas de arte e na ampliação da apreciação estética da obra musical.

A metodologia envolveu uma pesquisa sobre artistas que ilustraram álbuns de música pop, um estudo acerca do papel da ilustração na sua relação com o texto, e uma investigação abrangente do contexto artístico dos Engenheiros do Hawaii. Ao final, foi feita uma análise descritiva das ilustrações e do processo de escolhas para a criação de cada uma das imagens. Como objetivo deste projeto aponto o desejo de refletir acerca do papel da ilustração na relação com textualidades diversas, o aprimoramento na execução, bem como resolver desafios relacionados à harmonia entre texto, imagem e música.

A música é uma forma de expressão artística que envolve elementos múltiplos e interconectados, como o texto, a melodia e a harmonia. Nesse contexto, o presente trabalho visa relacionar texto e música com imagens criadas para uma seleção de dez composições do álbum *Acústico MTV 2004* dos Engenheiros do Hawaii, utilizando uma abordagem visual baseada no movimento pop art.

A importância desse tema para o campo das artes reside na possibilidade de se compreender como diferentes formas de expressão artística se complementam e se influenciam mutuamente. Ao estudar a interação entre texto, imagem e música, neste

trabalho, podemos expandir nossa compreensão das possibilidades criativas e estéticas dessas formas de arte e promover uma apreciação enriquecedora da obra do grupo musical Engenheiros do Hawaii.

Uma reflexão conceitual relevante para esse tema é a capacidade da ilustração de transcender o texto e a música. A ilustração não se limita a ser uma mera representação visual do conteúdo da música, mas pode adicionar camadas de significado e emoção à experiência artística como um todo. No desenvolvimento da pesquisa, são apresentados capítulos em que abordo a importância do desenho como meio de expressão artística no meu trabalho, a influência da cultura pop nas criações de capas de discos, uma apresentação da banda Engenheiros do Hawaii ao, o processo de elaboração das ilustrações feitas e uma análise do resultado.

Sumário

1. Porque desenho	1
2. Surfando na cultura pop.....	13
2.1 Engenheiros do Hawaii.....	14
2.2 Ilustração de discos e cultura pop.....	15
2.3 Meu <i>Top Ten</i>	19
3. Considerações Finais.....	31
Referências	33

Lista de Figuras

FIGURA 1 - TRABALHOS DESENVOLVIDOS NO ATELÊ 1 DE DESENHO. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2020.....	3
FIGURA 2 - CADERNOS DE DESENHOS DESENVOLVIDOS NO ATELÊ. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2021.....	4
FIGURA 3 - AUTORRETRATOS. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2021.	5
FIGURA 4 - SEQUÊNCIA DE DESENHOS INTERREFERENTES. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2021.	7
FIGURA 5 - PERSONAGENS MITOLÓGICOS. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2021.	8
FIGURA 6 - PROPOSTAS DE CAPAS DE DISCO PARA A BANDA O GRILO. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2022.....	10
FIGURA 7 - PROPOSTAS DE CAPAS DE DISCO PARA O MÚSICO POP MICHAEL JACKSON. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2022.....	11
FIGURA 8 - THE VELVET UNDERGROUND & NICO FEITA POR ANDY WARHOL EM 1967. FONTE: SITE IGOR MIRANDA MÚSICA E JORNALISMO.	16
FIGURA 9 - A MELODIA PERSEGUE A MINHA FANTASIA, 1965, DE ROY LICHTENSTEIN, BANDA VARIOUS. FONTE: SITE DISCOGS.	17
FIGURA 10 - CAPAS FEITAS POR ROY LICHTENSTEIN (CANÇÃO I CRY FOR YOU DE BOBBY ORLANDO). FONTE: SITE LOBOPOPART.....	17
FIGURA 11 - CAPA DO ÁLBUM “VOCÊ NÃO SABE DE NADA” BANDA “O GRILO” 2021 DE PIETRO SOLDI. FONTE: SITE MUSICAPAVE.COM.....	18
FIGURA 12 - CAPAS DE BLITZ, AS AVENTURAS DA BLITZ (1982) COM DESIGN DE LUIZ STEIN E GRINGO CARDIA E FOTO DE CAFI E BARÃO VERMELHO, BARÃO AO VIVO (1989) COM DESIGN DE GINGO CARDIA E LETRAS DE FERNANDA ABREU. FONTE: SITE MÉDIUM.COM.	18
FIGURA 13 - “DOM QUIXOTE”. ILUSTRAÇÃO DIGITAL 3500X3500 PIXELS. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2023.....	20
FIGURA 14 - “A REVOLTA DOS DÂNDIS PT.1”. ILUSTRAÇÃO DIGITAL 3500X3500 PIXELS. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2023.....	22
FIGURA 15 - “3X4”. ILUSTRAÇÃO DIGITAL 3500X3500 PIXELS. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2023. 23	
FIGURA 16 - “EU QUE NÃO AMO VOCÊ”. ILUSTRAÇÃO DIGITAL 3500X3500 PIXELS. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2023.....	24
FIGURA 17 - “OUTRAS FREQUÊNCIAS”. ILUSTRAÇÃO DIGITAL 3500X3500 PIXELS. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2023.....	25
FIGURA 18 - “POSE”. ILUSTRAÇÃO DIGITAL 3500X3500 PIXELS. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2023.	26
FIGURA 19 - “INFINITA HIGHWAY”. ILUSTRAÇÃO DIGITAL 3500X3500 PIXELS. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2023.....	27

FIGURA 20 - “TERRA DE GIGANTES/NÚMEROS”. ILUSTRAÇÃO DIGITAL 3500X3500 PIXELS. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2023.	28
FIGURA 21 - “DE FÉ”. ILUSTRAÇÃO DIGITAL 3500X3500 PIXELS. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2023.	29
FIGURA 22 - “ATÉ O FIM”. ILUSTRAÇÃO DIGITAL 3500X3500 PIXELS. ELABORADO POR GABRIEL ALEIXO, 2023.....	30

1. Porque desenho

Há certo consenso em identificar na primeira infância o momento primordial em que o desenho se manifesta na vida das pessoas – as que permanecem desenhando e aquelas que, de alguma maneira não o fazem, pelo menos de modo consciente. Quando se pergunta a um desenhista como o desenho aconteceu em sua vida é comum se ouvir dizer "sempre desenhei desde criança e nunca parei". Comigo não foi diferente.

Durante minha infância e adolescência desenhava os personagens de filmes, desenhos animados e séries, logo após assisti-los. Era uma espécie de brincadeira, em que tentava desenhar o que acabara de ver como um exercício de memória. Com o tempo, fui adquirindo mais repertório e experiência à medida que crescia e fazia outros exercícios, dando continuidade a essa brincadeira com linhas. Edith Derdyk (1989), acerca do ato de desenhar, pondera que “desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, ideias são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se”. Na minha brincadeira de desenho, aprendia o mundo no meu entorno e me apropriava das coisas que compunham meu universo de interesse.

Ao ingressar em 2018 no curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), passei a vivenciar, além de diversas abordagens em desenho, experimentações nas áreas da pintura, fotografia, escultura, impressão e gravura. Em todas elas, de alguma maneira, o desenho estava lá. No transcorrer do curso o desenho se firmou como lugar de identificação para o qual direcionei minha formação. Ao refletir sobre a definição do que é o desenho, Derdyk (1989) convida a refletir sobre os caminhos assumidos pelo desenho na história da humanidade e como este está para além da ideia de algo ligado apenas ao lápis e papel. Segundo a autora:

Seja no significado mágico que o desenho assumiu para o homem das cavernas, seja no desenvolvimento do desenho para construção de maquinários no início da era industrial, seja na sua aplicação mais elaborada para o desenho industrial e a arquitetura, seja na função de comunicação que o desenho exerce na ilustração, na história em quadrinhos, o desenho reclama a sua autonomia e sua capacidade de abrangência como meio de comunicação, expressão e conhecimento (DERDYK, 1989, p.29).

A abrangência do desenho de que fala Derdyk (1989) foi um dos fatores que direcionaram meu trabalho cada vez mais para essa linguagem de “expressão, comunicação e conhecimento”. À medida que percorria o caminho delineado pelas disciplinas básicas confirmava-se minha afinidade artística com o desenho como linguagem. Foi possível experimentar diferentes materiais e técnicas e um universo de possibilidades abriu-se à minha frente. Os desenhos de observação de paisagem, de figura humana e de objetos proporcionaram um olhar mais atento e um aprendizado em relação à perspectiva, à composição, à proporção, à luz e sombra, à anatomia, ao volume, à textura. Pude vivenciar experimentações diversas com materiais e suportes. Modos variados de lidar com o lápis, o carvão, o nanquim, o lápis de cor, os marcadores e com diversidades de papeis, suportes e tamanhos. Práticas que aumentaram meu repertório e me instrumentalizaram.

Nas experiências dentro dos ateliês de desenho meu foco de interesse pela ilustração foi se firmando. Aquela brincadeira de adolescente com personagens de filmes e desenhos animados de alguma maneira ainda persistia no meu desejo, porém amadurecida e transformada. Mantive certa unicidade nas temáticas, traços e linhas na elaboração dos trabalhos, o que permitiu maior flexibilidade e liberdade para planejá-los e executá-los. O processo de transição entre as disciplinas e os ateliês foi importante, pois permitiu testar e avaliar várias ideias que poderiam ser utilizadas em projetos que se apresentavam e que talvez pudessem ganhar maior consistência com o correr do tempo (Figura 1).

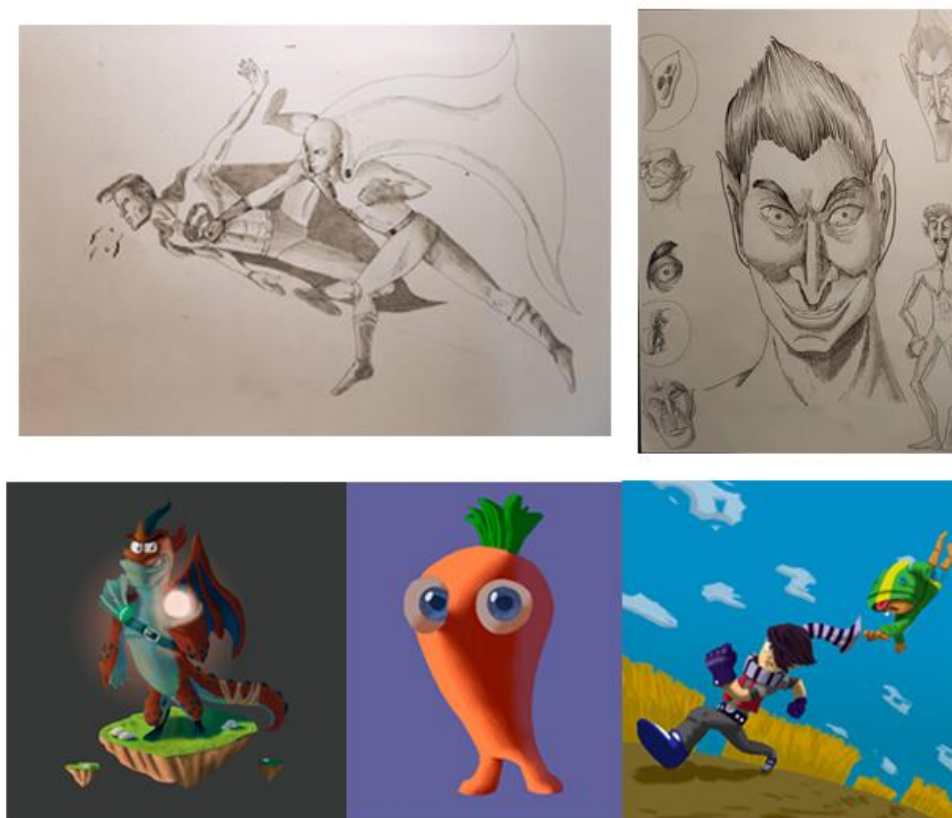


Figura 1 - Trabalhos desenvolvidos no Ateliê 1 de Desenho. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2020.

Os ateliês de desenho foram intensos, com muitas propostas para elaboração e reflexão: apresentação de artistas, seus trabalhos e processos, socialização e discussão coletiva acerca dos trabalhos desenvolvidos com propostas de abordagem vindas dos próprios alunos. Um dos projetos desenvolvidos nos ateliês foi o de elaboração de cadernos de desenho com diferentes temáticas para cada um deles (Figura 2). A necessidade de conciliar quantidade com qualidade impôs um desafio no sentido de coordenar os trabalhos dos cadernos e fazer com que se tornassem um material sedutor. Tal desafio levou a uma pesquisa abrangente no tocante a propostas, técnicas e materiais. Foi um projeto desafiador em termos de conteúdo e administração dos trabalhos, pois os cadernos de desenho exigiam um maior empenho no tocante à qualidade do material desenvolvido.

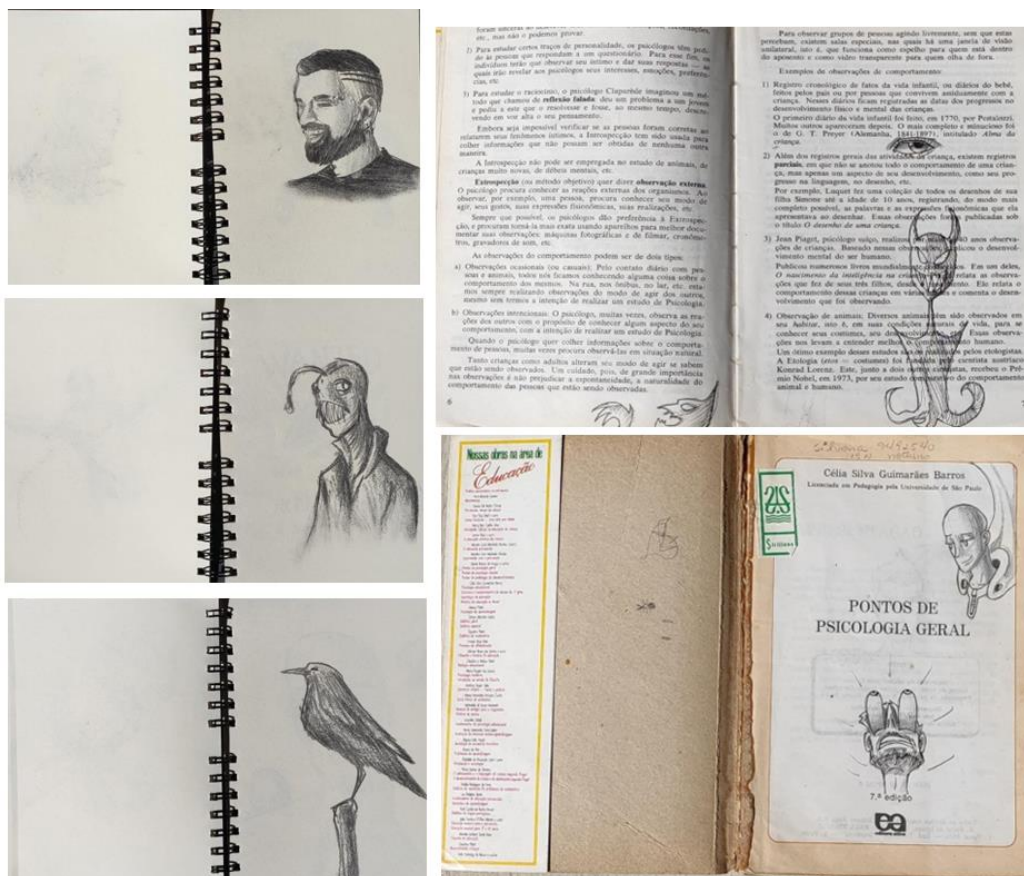


Figura 2 - Cadernos de desenhos desenvolvidos no ateliê. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2021.

Novos desafios se apresentaram como a experiência do ensino à distância imposta pela Pandemia Covid19 e a necessidade do isolamento social. O constante uso da tecnologia digital propiciou um aumento do meu interesse pela arte digital. Com o auxílio da mesa digitalizadora, comecei a me familiarizar melhor com esta nova estratégia de desenho especialmente para aplicar à ilustração e à criação de personagens. Essa possibilidade que se abriu influenciou sensivelmente minha produção que passou a contar com a possibilidade de mesclar técnicas tradicionais com técnicas digitais. Tal possibilidade impactou minha produção.

Essa abordagem que transitou entre a linguagem digital e as técnicas tradicionais foi explorada nos ateliês e em disciplinas. Durante a disciplina virtual Autorretrato, a proposta de fazer autorretratos observados a partir do espelho estimulou a investigação material ao mesmo tempo em que pude, a partir da minha auto representação, experimentar diferentes modos de representar que transitaram entre a observação, a interpretação e a imaginação (Figura 3).

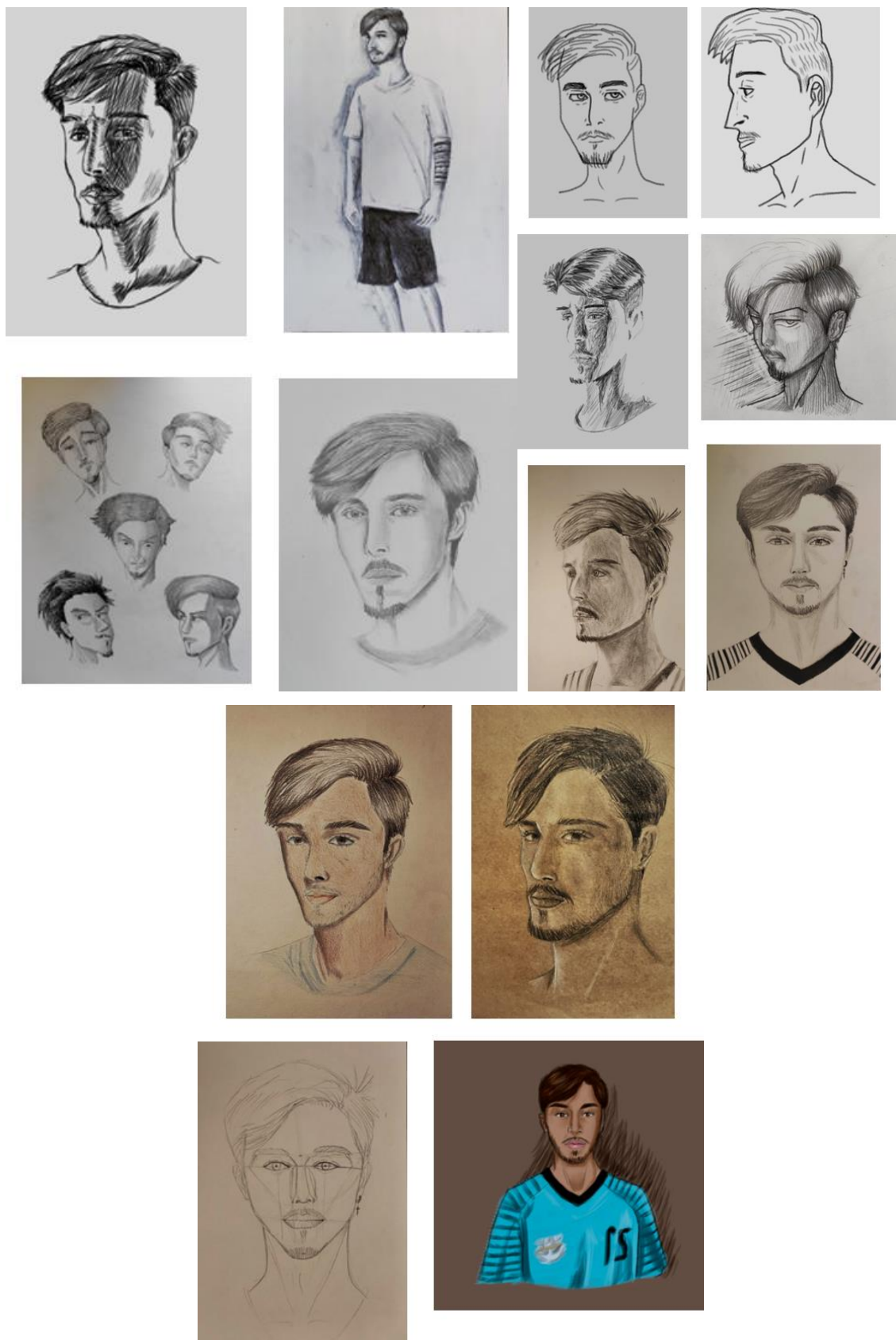


Figura 3 - Autorretratos. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2021.

A possibilidade de explorar o meio digital surgiu também em proposta de outra disciplina em que era necessário criar uma sequência de trabalhos coerentes, nos quais os objetos e certos elementos fossem aparecendo ao longo dos trabalhos como uma espécie de referências a eles próprios. Dessa forma os trabalhos conseguiam funcionar um ao lado do outro. O resultado apontava para uma linguagem que se imporia nos meus trabalhos posteriores (Figura 4).

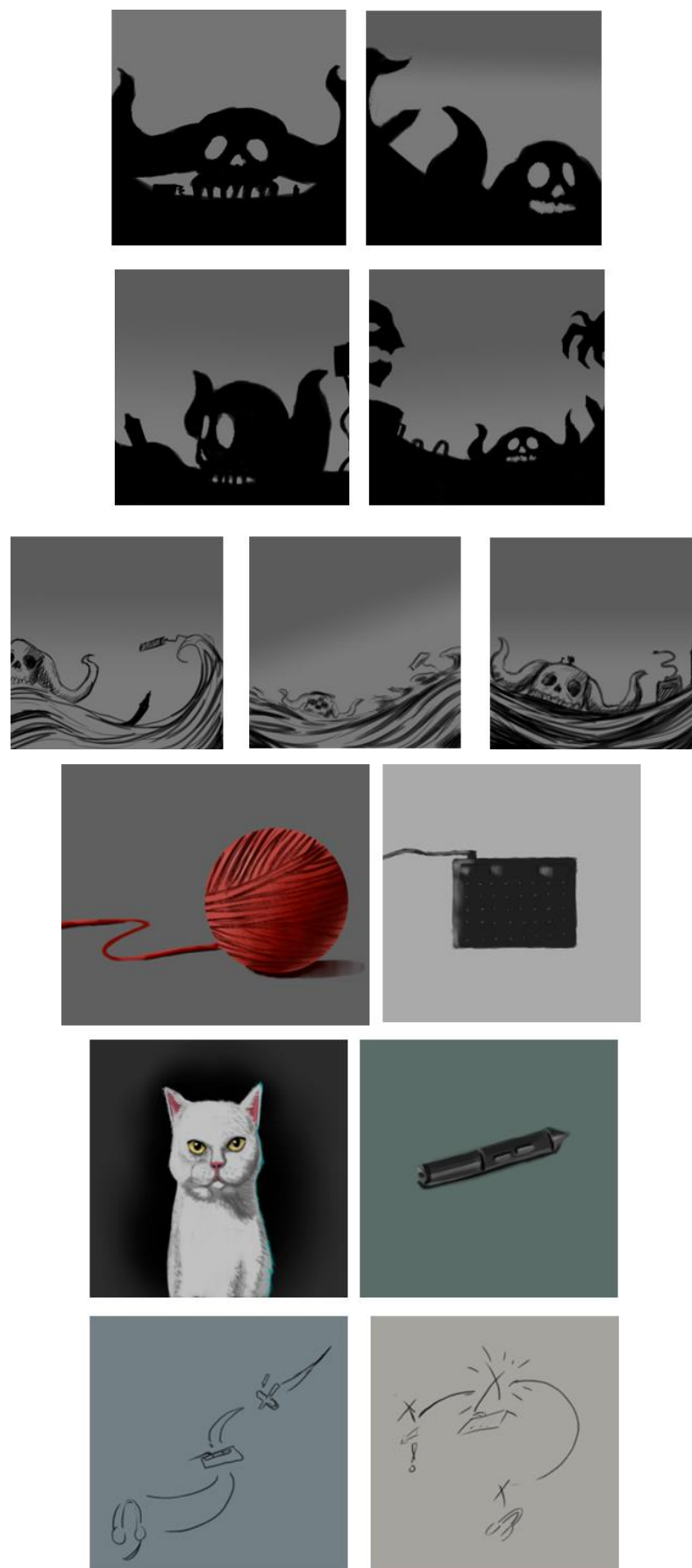


Figura 4 - Sequência de desenhos interreferentes. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2021.

Nos projetos desenvolvidos em ateliê a ilustração passa a se impor como linha de atuação. A partir da proposta de fazer uma galeria de informações sobre as diversas mitologias da história do mundo, em que cada estudante escolheria uma mitologia para ilustrar quatro personagens, que deveriam vir acompanhados de uma breve descrição de sua história, a ilustração se apresentou como abordagem evidente. Todas as imagens foram feitas por meio digital. A partir de então, a ilustração passa a orientar as demais propostas de projeto (Figura 5).

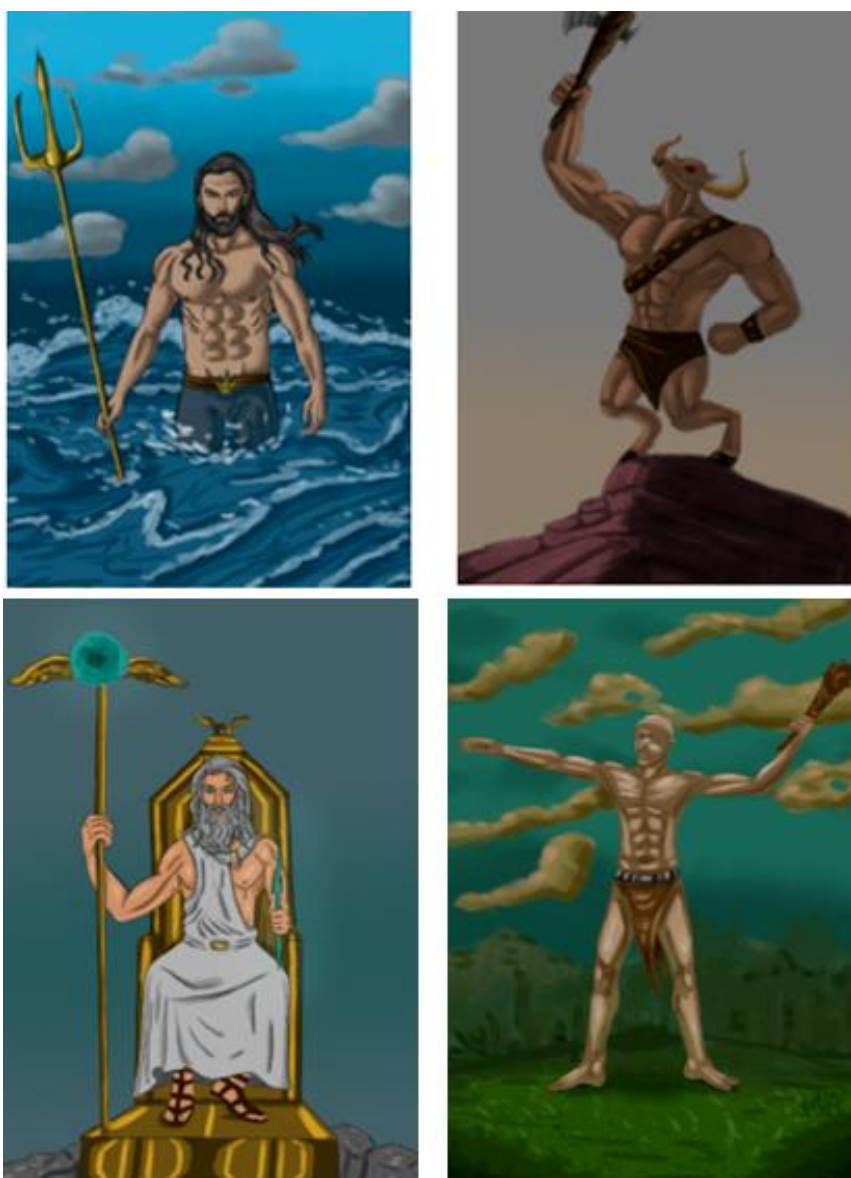


Figura 5 - Personagens mitológicos. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2021.

No último projeto desenvolvido a ilustração se consolida como área na qual meu trabalho transita. Nesse momento passo a pensar a relação imagem/comunicação/texto

como centro do meu processo criativo. O diálogo estabelecido entre imagem e texto recaiu sobre a escolha de capas de disco de bandas que faziam parte da minha história para desenvolver uma série de ilustrações. O processo de criação e tomada de decisões apresentou um desenvolvimento direcionado e bem estruturado que fizeram sentido para mim do início ao fim. A partir da seleção de bandas e artistas para a conclusão das capas as etapas seguintes foram: primeiramente, a escolha das três músicas de cada artista/banda a serem ilustradas, em seguida foram feitos esboços para cada composição das capas. Todo esse processo foi cuidadosamente planejado para proporcionar um conjunto harmonioso e coerente, estabelecendo uma unidade entre o grupo de capas que evidenciasse a relação entre imagem, música e escrita.

Uma questão que se impõe quando nos propomos a ilustrar é a de entender qual é o papel da ilustração em relação ao texto ou mensagem a que ela se relaciona. Ilustrar capas de disco é um trabalho que solicita do ilustrador uma parceria da imagem com a obra musical escolhida. O ilustrador Rui de Olivera (2008) quando refletindo sobre o papel da ilustração em relação a um texto literário aponta um modo de pensar acerca dessa parceria:

Só haverá interesse na ilustração se ela nos possibilitar a criação de um novo texto visual. Uma das finalidades da ilustração nos livros não é apenas apresentar uma versão do texto, mas sim favorecer a criação de uma nova leitura, uma espécie de livro e imagem pessoais dentro do livro que estamos lendo. A arte de ilustrar está assentada no equilíbrio e na harmonia entre a imaginação verbal e a imaginação visual. Em realidade, o que esperamos de um ilustrador é que ele seja um livre intérprete do texto, e não um médium. (OLIVEIRA, 2008, pg. 33).

Em se tratando de um projeto em que a proposta é ilustrar álbuns de música, acrescenta-se à parceria imagem e texto verbal, o texto musical, também. Se o ilustrador de um texto literário deve se preocupar com o equilíbrio e harmonia entre a imaginação verbal e a imaginação visual, o ilustrador de um álbum musical harmoniza, também, sua imaginação sonora às suas outras imaginações. Essa é uma questão a ser considerada e que, de alguma maneira atravessou minhas escolhas e meu processo criativo durante a elaboração do conjunto de capas. A escolha recaiu sobre a banda brasileira "O Grilo" (Figura 6) e o considerado rei do pop, Michael Jackson (Figura 7) para a proposição das capas de disco.



Figura 6 - Propostas de capas de disco para a Banda O Grilo. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2022.



Figura 7 - Propostas de capas de disco para o músico pop Michael Jackson. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2022.

O uso de referências foi um elemento fundamental para auxiliar no processo. Artistas como Peter Blake, Andy Warhol e Pietro Soldi, este último responsável pela criação da capa de um dos álbuns da banda "O Grilo", foram importantes fontes de inspiração. A utilização de referências visuais dos artistas com um trabalho de ilustração na área, além de ter sido crucial para o processo e resultado final das capas, serviu também para ampliar a compreensão acerca do alcance da arte em uma escala de massa, especialmente em termos de popularidade e abordagens visuais. A partir de tais referências optei por um tratamento de imagem mais plano. O uso de ferramentas digitais se mostrou fundamental no momento em que foi preciso reorientar as fontes e a

disposição dos elementos. Possibilitou, também, maior agilidade nas experimentações cromáticas.

Refletindo sobre meu processo de construção de uma identidade criativa pessoal, pude identificar que minha trajetória aponta para uma identificação com um tipo de ilustração ligada à cultura popular urbana e à comunicação de massa.

2. Surfando na cultura pop

Quando Richard Hamilton, Eduardo Paolozzi, Alloway, Alison e Peter Smithson principiaram a discussão acerca da cultura de massa que crescia nos hábitos consumistas, no cinema, na propaganda, na ficção científica, na mídia e nas comunicações em meados do século XX (DEMPSEY, 2008) não se podia antever a proporção colossal que esse tipo de produção cultural alcançaria. Desde então novas mídias surgiram e as informações de toda ordem passaram a circular por meio da internet na velocidade de apenas um clic, atravessando o globo e chegando diretamente às pessoas. O acesso à informação passa a ser praticamente instantâneo.

Desde que, em 1947, Paolozzi incluiu o termo Pop ao se referir à sua colagem *eu fui o brinquedo de um homem rico*, o termo ampliou seu alcance semântico assim como o imbricamento das artes com a cultura Pop. O acesso instantâneo a informações de toda ordem que as novas mídias digitais possibilitam abre atualmente perspectivas para essa interlocução, além de nutrir com uma infinidade de imagens e sons o repertório do sujeito comum.

Hoje o universo abarcado por produções de alto alcance popular de quadrinhos, cinema, literatura, música, séries de TV, dentre outras manifestações midiáticas e outras produções, passa definitivamente a fazer parte do dia a dia da sociedade e a ser incorporado pela produção cultural artística que amplia cada vez mais seus interesses e possibilidades de ampliação na exploração de linguagens e modos de inserção na sociedade e na cultura.

Analizando minha trajetória, reconheço minha produção dentro dessa vertente de interesse pela cultura de massa desde minhas produções mais ingênuas, quando meu interesse pelo desenho como prática sistemática se manifestou, até minhas últimas produções de ateliê, após uma trajetória dentro de uma educação formal no campo da arte.

A possibilidade de estabelecer um diálogo entre outras linguagens e outras manifestações artísticas, dentro do universo da cultura Pop, abriu para mim canais de atuação e possibilidades de exercício do meu potencial expressivo. Dentro dessa perspectiva, a produção musical pop, que se encontra diretamente inserida nesse universo de interesse, foi um campo para o qual meu desejo de interlocução naturalmente se direcionou. A partir da proposição de capas para discos de música pop, minha produção caminhou para um diálogo direto com letras de músicas de uma banda de meu interesse, os *Engenheiros do Hawaii*. O desejo de fazer uma série de ilustrações que dialogassem

com as letras de músicas gravadas pela banda nasce no momento de encerramento de um ciclo. As letras que falam de uma sensação de desconforto diante do mundo me convidam a refletir sobre quem eu sou, o que desejo e qual é meu lugar no mundo.

2.1 Engenheiros do Hawaii

A banda *Engenheiros do Hawaii* é uma banda de rock brasileiro, que surgiu em Porto Alegre em 1984. De início a banda foi composta por Carlos Stein, Marcelo Pitz, Carlos Maltz e Humberto Gessinger. Na época, todos esses músicos eram estudantes de arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O nome *Engenheiros do Hawaii* surgiu de uma brincadeira já que era comum que estudantes da área usassem bermudas de surfista no dia a dia.

O primeiro show da banda foi em 1985. Em suas primeiras apresentações o grupo se viu assumindo um lugar de destaque no pop-rock brasileiro, emplacando hits de sucesso como *O Papa é Pop* e *Toda Forma de Poder*. Em 1987 os *Engenheiros do Hawaii* lançam seu segundo disco, *A revolta dos Dândis*, que tem referência no rock dos anos 60. Ressalta-se que a música de autoria dos italianos Franco Migliacci e Mauro Lusini – *Era um garoto que como eu, amava os Beatles e os Rolling Stones* – gravada 1966 por Gianni Morandi e lançada com grande sucesso em 1967 na versão em português pela banda *Os Incríveis*, integra o álbum *O Papa É Pop*, de 1990, repetindo a grande popularidade alcançada na década de 1960. A partir daí, a banda passa a ser reconhecida nacionalmente, principalmente a partir de 1991 quando sua no evento musical *Rock In Rio* alcançou grande repercussão. Na ocasião a revista *New York Times*, elogiou o estilo da banda que usava instrumentos sintéticos em seus arranjos e incluía baladas em seu repertório, como o hit *Pra Ser Sincero*.

Após alcançar grande popularidade, a banda segue emplacando sucessos. Em 1992 lança seu sétimo disco *Gessinger, Licks & Maltz*, no qual combinam rock e MPB, com um predomínio de letras com conteúdo de crítica de comportamento. Destacam as músicas *Toda Forma de Poder* e *Longe demais das Capitais*.

Em 1993 a banda passa a fazer uma turnê internacional começando pelo Japão e Estados Unidos e estendendo a apresentação a outros locais. Apesar do sucesso, nos anos que se seguiram, a banda passa por turbulências. Mudanças importantes ocorrem na composição de seus integrantes e até mesmo no nome para *Gessinger Trio*, na tentativa de construir uma nova identidade. O novo nome não foi bem aceito e a banda voltou à

denominação original, *Engenheiros do Hawaii*. Ainda assim o sucesso do grupo se manteve e sua produção contou ainda com o lançamento de mais seis álbuns de estúdio, cinco álbuns ao vivo e oito coletâneas.

A banda segue com um estilo musical alinhado à cultura pop do MPB, com construções harmônicas e transições tonais que a levaram a focar seu trabalho em produções musicais no formato acústico. O disco *Acústico MTV Engenheiros do Hawaii* (2004) preparado com 20 músicas – 2 faixas bônus – com participações exclusivas de Clara Gessinger (filha de Humberto Gessinger) e Carlos Maltz (ex-baterista e cofundador da banda) obteve grande aceitação do público. O cenário foi composto de uma mistura de temas marroquinos e chineses, com mesas sendo utilizadas para agrupar a plateia, lembrando um cenário de apresentações de jazz. Algo minimalista, feito com todo o cuidado que um acústico precisa ter.

Em 2010, a banda finalmente encerra sua trajetória apresentando seus últimos shows. Seus integrantes seguem caminhos independentes. O vocalista Humberto Gessinger que se manteve em todas as composições da banda desde o início, ainda atuou temporariamente em outros grupos musicais, como o *Pouca Vogal*. Hoje seu repertório faz parte da história do Pop-Rock brasileiro e continua a despertar o interesse.

2.2 Ilustração de discos e cultura pop

Na interface de produção visual referenciada em um texto musical e principalmente em capas de disco que abarca uma coleção de músicas, observa-se artistas importantes que investiram na temática, como os artistas pop estadunidenses Andy Warhol, Roy Lichtenstein. No Brasil temos um grande número de ilustradores com seus trabalhos compondo capas de disco como Pietro Soldi, Luiz Stein, Elifas Andreato, dentre tantos outros.

O expoente da Pop Art, Andy Warhol, iniciou sua carreira primeiramente como ilustrador comercial. Apesar de ter se tornado um os maiores ilustradores da década de 1950, foi no início da década de 1960 que despontou na Pop Art com trabalhos que traziam imagens de produtos de consumo de massa como as garrafas de Coca-Cola e sua famosa série de pinturas de latas de sopa Campbell.

Ainda nesse período produz a capa do disco de estreia da banda *The Velvet Underground*, que consiste na imagem de uma banana em um fundo branco, se tornando, também, um dos símbolos mais conhecidos da Pop Art (Figura 8).

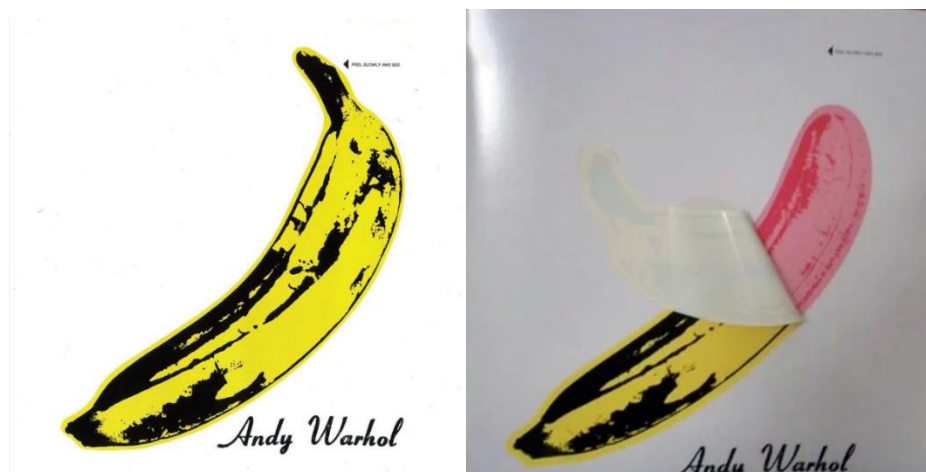


Figura 8 - The Velvet Underground & Nico feita por Andy Warhol em 1967. Fonte: Site Igor Miranda música e jornalismo.

Nos primeiros exemplares do disco, a figura da banana acompanhava uma orientação na parte direita superior com a frase, “descasque devagar e veja”. Havia um adesivo na imagem que, se retirado, sugeria que a banana era descascada revelando-a na cor rosa. Por causa do adesivo a produção foi lenta, pois, opara tanto as capas precisavam ser feitas manualmente, o que se mostrou pouco viável, resultando que essa ideia fosse descartada nos discos produzidos posteriormente.

Assim como Andy Warhol, Roy Lichtenstein, outro artista relevante no movimento Pop Art da segunda metade do século XX, também ilustrou para capas de discos de bandas populares da época (Figuras 9 e 10). Em seus trabalhos, Lichtenstein transitava no universo das histórias em quadrinhos, além de pintar vários tipos de produtos de consumo. Uma marca registrada de sua produção artística é a recorrente utilização de pontos de “Benday”, ou seja, retículas comuns em trabalhos gráficos da época como recurso para suavizar áreas preenchidas com cores primárias.



Figura 9 - A Melodia Persegue a Minha Fantasia, 1965, de Roy Lichtenstein, banda Various. Fonte: Site Discogs.

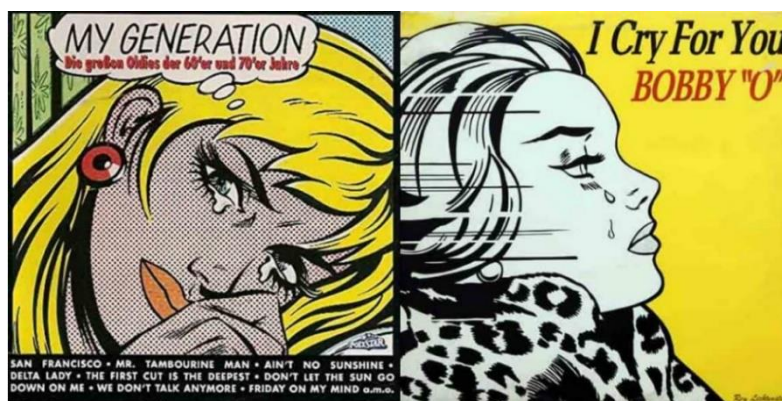


Figura 10 - Capas feitas por Roy Lichtenstein (Canção I Cry For You de Bobby Orlando). Fonte: Site Lobopopart.

No cenário nacional de produção de capas de disco destacam-se os artistas gráficos Luiz Stein e Pietro Soldi. Este último, cartunista paulistano, fez uma parceria com a banda também paulistana *O Grilo*, no álbum *Você não sabe de nada* (Figura 11), em que o artista tinha uma sintonia com a ideia do grupo musical de apresentar no disco um encarte em formato de história em quadrinhos, o que faz com que relacione, inevitavelmente, com as capas propostas por Lichteststein.



Figura 11 - Capa do álbum “Você Não Sabe de Nada” banda “O Grilo” 2021 de Pietro Soldi. Fonte: Site musicapave.com.

Já Luiz Stein, designer carioca, vem produzindo também capas de disco desde 1980 que marcaram a indústria musical pop brasileira, como por exemplo *As Aventuras da Blitz 1* (1982) e *Barão ao Vivo* (1989) (Figura 12). Esse artista considera ser fundamental o vínculo entre arte visual e música, afirmando que: “o casamento do design gráfico com a sonoridade que ele representa é algo belo, mas delicado, pois precisa ir além das imagens. Em alguns casos, ela é uma espécie de psicanálise gráfica (entrevista OTEMPO 2022)”.

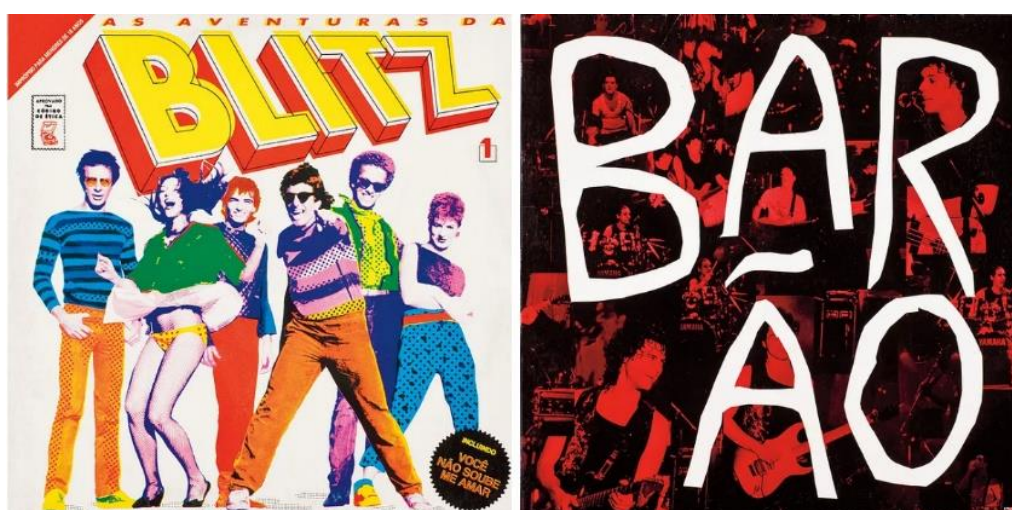


Figura 12 - Capas de Blitz, *As aventuras da Blitz* (1982) com design de Luiz Stein e Gringo Cardia e foto de Cafi e *Barão Ao Vivo* (1989) com design de Gringo Cardia e letras de Fernanda Abreu. Fonte: Site médium.com.

Nesse sentido, com base nessas referências visuais dos artistas mencionados, surgiu a concepção do projeto com um enfoque direcionado à criação de capas de álbuns. Essa influência foi fundamental tanto na definição da temática como na expansão visual para a execução do trabalho.

2.3 Meu Top Ten

O desejo em aliar imagem, palavra e música motivou a criação de um projeto em que me propus a ilustrar letras do repertório da banda *Engenheiros do Hawaii*. Tal iniciativa veio como consequência natural da experiência anterior em que propus capas de disco de música pop. Para o novo projeto de ilustração escolhi o álbum de 2004 *Acústico MTV Engenheiros do Hawaii*.

Para desenvolvimento do projeto senti a necessidade de fazer um recorte. Nesse processo foram selecionadas 10 músicas das 20 que compõem o álbum. O critério dessa seleção foi baseado nas músicas que, na minha opinião, contavam com melhores arranjo, letra e melodia. Outro fator que a escolha de 10 faixas sugere está ligado à usual seleção que se faz, no universo da comunicação de massa, dos “dez mais” para músicas, filmes e outras mídias que alcançaram grande sucesso popular. Neste caso, as dez músicas selecionadas seriam as minhas “dez mais”, aquelas que, para mim teriam maior relevância.

No processo de ilustração de cada música, apesar do vínculo inevitável com a letra, houve uma preocupação em fugir de uma abordagem literal. O papel da ilustração como imagem que não é apenas uma versão do texto, mas que conserva uma autonomia proporcionando uma leitura além deste é apontado pelo ilustrador Rui Oliveira na sua afirmação: “Considero que a ilustração, quando realizada em sua plenitude artística, não é mais um objeto circunstancial, podendo tornar-se obra autônoma, fenômeno também observado na música” (OLIVEIRA, 2008, pág. 35).

Minha abordagem estética resultou em uma proposta mais “flat”, porém ainda com uma certa tridimensionalidade, obtida através da técnica digital. Essas decisões foram fundamentais para que minha arte estivesse voltada para a cultura de massa e tivesse um apelo mais popular.

De maneira geral, optei por estabelecer uma relação entre texto e imagem que fosse além da letra da música. Essa decisão permitiu que explorasse escolhas visuais mais amplas, como a composição dos personagens, ora centralizados, ora posicionados nos

cantos da imagem. Tais escolhas foram feitas de propósito, levando em consideração a narrativa de cada música, porém focado no sentimento de isolamento que as letras escolhidas me propuseram. Esse é um dos aspectos que nortearam a escolha dessas letras específicas. Isso se traduz na abordagem das imagens que apresentam na sua maioria um sujeito isolado. Muitas vezes essa escolha passou pela supressão de elementos metafóricos importantes contidos nas letras, para focar no sujeito, como se estivesse ilustrando o sentimento de isolamento, acima de qualquer coisa.



Muito prazer, meu nome é otário
Vindo de outros tempos, mas sempre no horário
Peixe fora d'água, borboletas no aquário
Muito prazer, meu nome é otário
Na ponta dos cascos e fora do páreo
Puro sangue, puxando carroça

Um prazer cada vez mais raro
Aerodinâmica num tanque de guerra
Vaidades que a terra um dia há de comer
Âs de Espadas fora do baralho
Grandes negócios, pequeno empresário
Muito prazer, me chamam de otário

Por amor às causas perdidas
Tudo bem, até pode ser
Que os dragões sejam moinhos de vento
Tudo bem, seja o que for
Seja por amor às causas perdidas
Por amor às causas perdidas

Tudo bem, até pode ser
Que os dragões sejam moinhos de vento
Muito prazer, ao seu dispor
Se for por amor às causas perdidas
Por amor às causas perdidas

Figura 13 - “Dom Quixote”. Ilustração digital 3500x3500 pixels. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2023.

O processo de ilustração da música *Dom Quixote* (Figura 13) foi um desafio, uma vez que foi a primeira música a ser ilustrada. Iniciei seguindo uma abordagem que mesclava trechos literais da letra com adições criativas. No caso dessa música, pretendi transmitir a ideia de que o personagem está lutando contra forças opostas a ele, lutando com “moinhos de vento”, como, metaforicamente evoca o nome da música.

Um exemplo desse conceito está presente no trecho em que a música diz: "Tudo bem, até pode ser que os dragões sejam moinhos de vento. Muito prazer ao seu dispor. Se for por amor às causas perdidas." Esse verso enfatiza a ideia de que o personagem está

combatendo algum tipo de padrão ou força maior que o impede de se tornar quem ele realmente deseja ser. Como estratégia usei formas sem definição que não são nada especificamente, podendo estar no lugar de qualquer força contra a qual se precise lutar e que avançam de maneira ameaçadora sobre o personagem.



Entre um rosto e um retrato, o real e o abstrato
 Entre a loucura e a lucidez
 Entre o uniforme e a nudez
 Entre o fim do mundo e o fim do mês
 Entre a verdade e o rock inglês
 Entre os outros e vocês

Eu me sinto um estrangeiro
 Passageiro de algum trem
 Que não passa por aqui
 Que não passa de ilusão

Entre mortos e feridos, entre gritos e gemidos
 A mentira e a verdade, a solidão e a cidade
 Entre um copo e outro da mesma bebida
 Entre tantos corpos com a mesma ferida

Eu me sinto um estrangeiro
 Passageiro de algum trem
 Que não passa por aqui
 Que não passa de ilusão

Entre a crença e os fiéis
 Entre os dedos e os anéis
 Entra ano e sai ano, sempre os mesmos planos
 Entre a minha boca e a tua, há tanto tempo, há tantos planos
 Mas eu nunca sei pra onde vamos

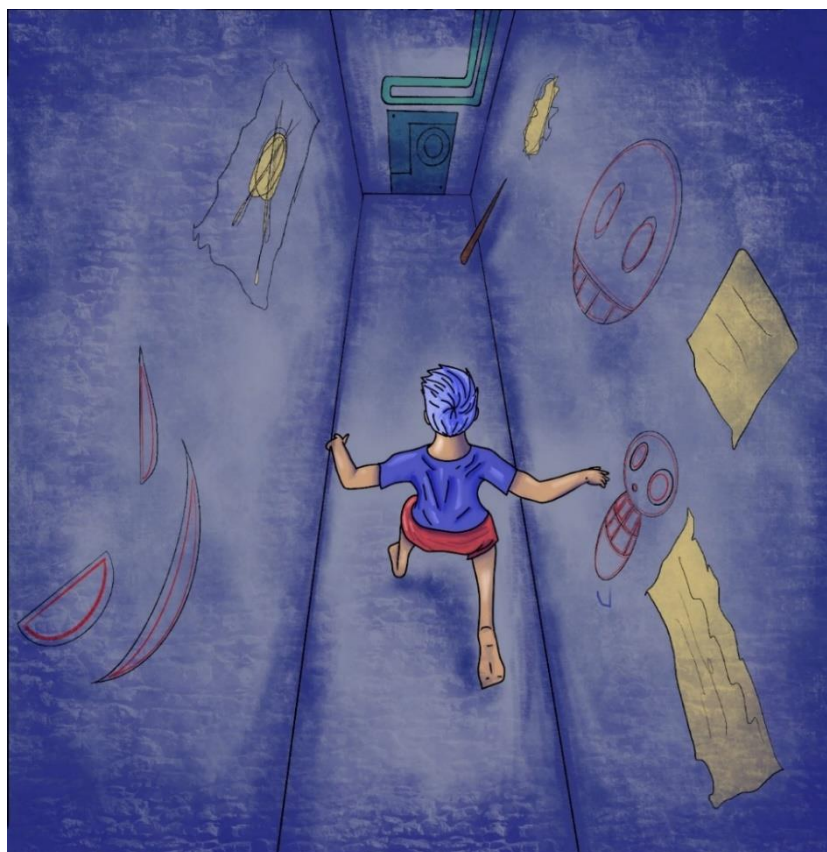
E eu me sinto um estrangeiro
 Passageiro de algum trem
 Que não passa por aqui
 Que não passa de ilusão

Que não passa por aqui, não
 E que não passa de ilusão

Figura 14 - “A Revolta Dos Dândis Pt.1”. Ilustração digital 3500x3500 pixels. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2023.

A Revolta Dos Dândis Pt.1 (Figura 14) é uma música que transmite um sentimento de não pertencimento a qualquer lugar, como aponta o trecho "eu me sinto um estrangeiro, passageiro de algum trem". Escolhi representar esse sentimento de forma que o personagem se destacasse, mas ao mesmo tempo, fosse excluído dos grupos e lugares. Para isso, usei cores complementares – o amarelo do centro se opõe ao roxo das formas que estão no entorno – e centralizei o personagem diferenciando-o da massa que o envolve para evidenciar a ideia de não pertencimento. Há também oposição na forma de representar, pois o refrão sugere um deslocamento “estrangeiro, passageiro de algum trem”, mas o personagem está estático em franca oposição à própria ideia de deslocamento que indica a letra, pois o trem “não passa por aqui, não e não passa de ilusão”.

Dessa forma, busquei trabalhar com a ideia de dualidade – destaque e ao mesmo tempo exclusão do personagem diante dos ambientes e das pessoas. O trecho "entre a crença e os fiéis, entre os dedos e os anéis" reforça ainda mais esse entendimento, representando a visão ambígua entre duas figuras relacionadas, porém distintas.



Diga a verdade ao menos uma vez na vida
 Você se apaixonou pelos meus erros
 Não fique pela metade,
 Vá em frente minha amiga
 Destrua a razão deste beco sem saída

Diga a verdade ponha o dedo na ferida
 Você se apaixonou pelos meus erros
 E eu perdi as chaves, mas que cabeça minha
 Agora vai ter que ser para toda vida

Somos o que há de melhor...
 Somos o que dá pra fazer...
 O que não dá pra evitar,
 E não se pode escolher...

Se eu tivesse a força que você pensa que eu tenho
 Eu gravaria no metal da minha pele o teu desenho
 Feitos um pro outro
 Feitos pra durar
 Uma luz que não produz sombra

Somos o que há de melhor,
 Somos o que dá pra fazer
 O que não dá pra evitar,
 E não se pode esconder...

Figura 15 - "3x4". Ilustração digital 3500x3500 pixels. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2023.

A música "3x4" (Figura 15) representa a ideia de que não podemos escapar do que somos, não podemos esconder ou evitar certas coisas, tanto individualmente quanto em parceria. Essa ideia fica sugerida para mim no trecho "Somos o que há de melhor. Somos o que dá pra fazer. O que não dá pra evitar e não se pode esconder". Na minha ilustração, escolhi mostrar como o indivíduo pode se sentir encurralado ao tentar evitar que o curso natural das coisas ocorra, ao resistir à realidade de si próprio. Na imagem o personagem encontra-se literalmente num sufocante beco. As mesmas cores cobrindo parede e chão reforçam a impressão de encurralamento. A letra sugere as indagações de um relacionamento a dois, porém na imagem o que apresento é o sentimento de quem se encontra sem saída nas relações humanas.



Eu que não fumo queria um cigarro
 Eu que não amo você
 Envelheci dez anos ou mais nesse último mês
 Senti saudade, vontade de voltar
 Fazer a coisa certa: aqui é o meu lugar
 Mas, sabe como é difícil encontrar
 A palavra certa, a hora certa de voltar
 A porta aberta, a hora certa de chegar

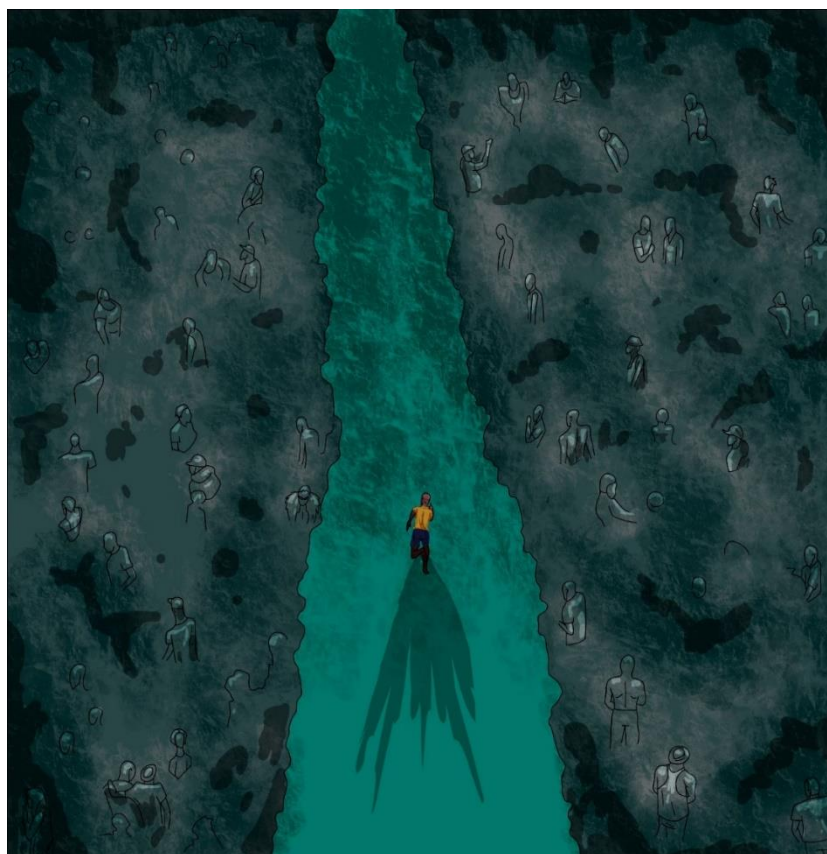
 Eu que não fumo queria um cigarro
 Eu que não amo você
 Envelheci dez anos ou mais nesse último mês
 Eu que não bebo pedi um conhaque pra enfrentar o inverno
 Que entra pela porta que você deixou aberta ao sair
 O certo é que eu dancei sem querer dançar
 Agora já nem sei qual é o meu lugar
 Dia e noite sem parar procurei sem encontrar
 A palavra certa, a hora certa de voltar
 A porta aberta, a hora certa de chegar

 Eu que não fumo queria um cigarro
 Eu que não amo você
 Envelheci dez anos ou mais nesse último mês
 Eu que não bebo pedi um conhaque pra enfrentar o inverno
 Que entra pela porta que você deixou aberta ao sair

Figura 16 - “Eu Que Não Amo Você”. Ilustração digital 3500x3500 pixels. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2023.

Eu Que Não Amo Você (Figura 16) é uma canção que retrata o personagem considerando ações e desejos que normalmente ele próprio não faria, como explicitado no trecho “Eu que não fumo, queria um cigarro” aparentemente motivado por um amor, uma relação que tira o sujeito do lugar em que acredita estar no controle de si. Escolhi representar esse personagem imerso em um universo que, inicialmente, não seria o seu, adicionando uma referência ao seu desejo pelo amor em questão. Aqui, para além do sentimento voltado para alguém específico, a música fala de como as relações podem nos levar a lugares e ações que não nos veríamos fazendo antes. A falta nos fazendo repensar quem somos.

A escolha de tons escuros com poucos pontos de luz, aplicados principalmente nas mãos e cabeça do personagem e também, na cabeça da figura que surge trazida pela fumaça do cigarro daquele que “não fuma”, imprime uma atmosfera que reforça a ideia de coisas que se revelam em meio à penumbra.



Seria mais fácil fazer como todo mundo faz
O caminho mais curto, produto que rende mais
Seria mais fácil fazer como todo mundo faz
Um tiro certo, modelo que vende mais

Mas nós dançamos no silêncio
Choramos no carnaval
Não vemos graça nas gracinhas da TV
Morremos de rir no horário eleitoral

Seria mais fácil fazer como todo mundo faz
Sem sair do sofá, deixar a Ferrari pra trás
Seria mais fácil, como todo mundo faz
O milésimo gol sentado na mesa de um bar

Mas nós vibramos em outra frequência
Sabemos que não é bem assim
Se fosse fácil achar o caminho das pedras
Tantas pedras no caminho não seria ruim

Mas nós vibramos em outra frequência
Sabemos que não é bem assim
Se fosse fácil achar o caminho das pedras
Tantas pedras no caminho não seria ruim

Figura 17 - “Outras Frequências”. Ilustração digital 3500x3500 pixels. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2023.

Outras Frequências (Figura 17) transmite a ideia de que o eu-lírico possui uma visão e costumes diferentes da maioria, do que é comum e convencional. Essa interpretação fica evidente na frase "Mas nós, dançamos no silêncio, choramos no carnaval". A imagem foi concebida com base nessa perspectiva, em que o personagem corre num espaço aberto e vazio no meio de uma massa de pessoas, reforçando a ideia de que o indivíduo vibra em “outras frequências”. A sombra projetada por ele não corresponde à sua imagem singular, evocando o nós a que se refere na letra: “mas nós vibramos em outra frequência”, como se ele fosse portador de outras vozes tão dissonantes como a dele. Está só no caminho aberto. A sombra projetada provoca uma indagação: Será?



Vamos passear depois do tiroteio
Vamos dançar num cemitério de automóveis
Colher as flores que nascerem no asfalto
Vamos todo mundo, tudo que se possa imaginar

Vamos duvidar de tudo o que é certo
Vamos namorar à luz do pólo petroquímico
Voltar pra casa num navio fantasma
Vamos todo mundo, ninguém pode faltar

Se faltar calor, a gente esquenta
Se ficar pequeno, a gente aumenta
E se não for possível, a gente tenta
Vamos velejar no mar de lama
Se faltar o vento, a gente inventa
Vamos remar contra a corrente
Desafinar do coro dos contentes

Lá, lá, lá
Lá, lá, lá
Lá, lá, lá
Lá, lá, lá

Vamos velejar num mar de lama
Se faltar o vento a gente inventa
Vamos remar contra a corrente
Desafinar do coro dos contentes

Lá, lá, lá
Lá, lá, lá
Lá, lá, lá
Lá, lá, lá

Figura 18 - “Pose”. Ilustração digital 3500x3500 pixels. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2023.

Pose (Figura 18), insiste a ideia de quebra de padrões, de escolher um caminho diferente dos demais, um desafio às ideias convencionais. No trecho "Vamos passear depois do tiroteio, vamos dançar num cemitério de automóveis", a ideia de driblar as adversidades está presente. Aparece ainda, de forma recorrente, uma visão contrária ao pensamento da maioria das pessoas. Na imagem, escolhi representar tanto trechos literais da letra como também incorporar elementos que representam os desafios mencionados. O navio se encontra, literalmente, num mar de lama, mas no espaço superior dois pés, feitos a traços esboçados, dançam alheios à adversidade que no espaço inferior se anuncia. O contraste entre os traços da parte de baixo e da parte de cima separa a imagem em duas camadas: a realidade que se apresenta e a capacidade de driblá-la por meio da vontade.

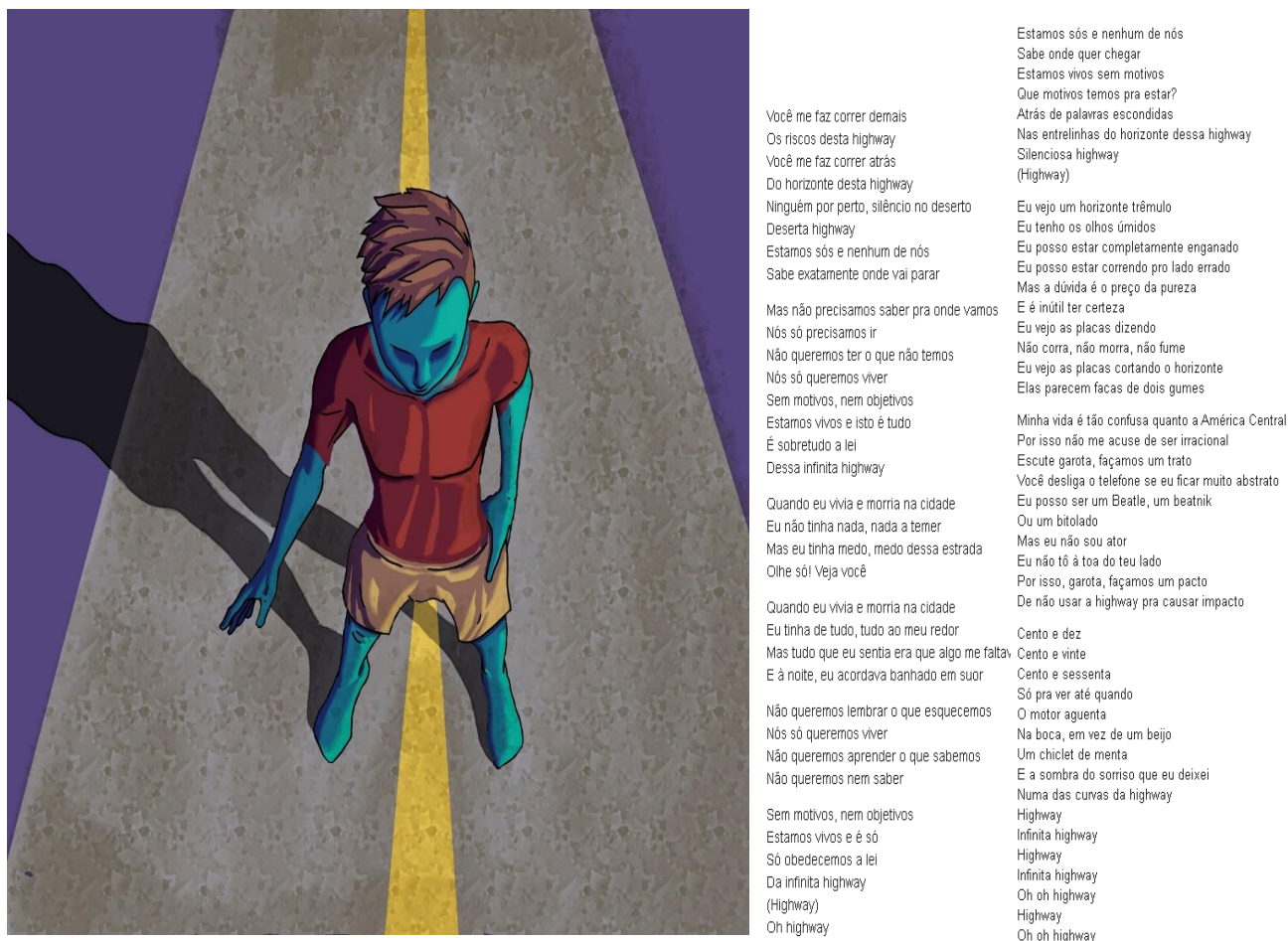


Figura 19 - “Infinita Highway”. Ilustração digital 3500x3500 pixels. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2023.

Em *Infinita Highway* (Figura 19), o autor aborda a ideia de uma estrada eterna sem fim, onde ele percebe a existência de infinitas possibilidades para fazer o que quiser enquanto percorre esse interminável caminho. Na ilustração, optei por retratar o personagem num ângulo aproximado, parado no meio dessa estrada infinita, explorando a oportunidade de parar e refletir sobre o seu próprio caminho, adquirindo uma visão mais ampla de seu destino. Na imagem o personagem é, proporcionalmente maior que a estrada. Ao invés de colocá-lo pequeno num espaço a perder de vista, a ilustração apresenta o personagem superdimensionado sobre a estrada que atravessa o espaço composicional de baixo para cima. Ele está só, como indica parte da letra. Na letra o personagem dirige um automóvel em deslocamento: “cento e dez, cento e vinte, cento e sessenta, só para ver até quando o motor aguenta”. Na ilustração o personagem está com os pés direto na estrada, paralisado, numa eterna indagação.



Hey mãe!
 Eu tenho uma guitarra elétrica
 Durante muito tempo isso foi tudo que eu queria ter

Mas, hey mãe
 Alguma coisa ficou pra trás
 Antigamente eu sabia exatamente o que fazer

Hey mãe!
 Tem uns amigos tocando comigo
 Eles são legais, além do mais,
 Não querem nem saber
 Mas agora, lá fora
 Todo mundo é uma ilha
 Há milhas, e milhas, e milhas de qualquer lugar

Nessa terra de gigantes
 Eu sei, já ouvimos tudo isso antes
 A juventude é uma banda
 Numa propaganda de refrigerantes

As revistas, as revoltas, as conquistas da juventude
 São heranças, são motivos pras mudanças de atitude
 Os discos, as danças, os riscos da juventude
 A cara limpa, a roupa suja, esperando que o tempo mude

Nessa terra de gigantes
 Tudo isso já foi dito antes
 A juventude é uma banda
 Numa propaganda de refrigerantes

Hey mãe!
 Já não esquento a cabeça
 Durante muito tempo isso foi só o que eu podia fazer
 Mas, hey hey mãe por mais que a gente cresça
 Há sempre alguma coisa que a gente não pode entender

Por isso, mãe
 Só me acorda quando o sol tiver se posto
 Eu não quero ver meu rosto antes de anoitecer
 Pois agora lá fora,
 O mundo todo é uma ilha
 Há milhas, e milhas, e milhas

Nessa terra de gigantes
 Que trocam vidas por diamantes
 A juventude é uma banda
 Numa propaganda de refrigerantes

Figura 20 - “Terra De Gigantes/Números”. Ilustração digital 3500x3500 pixels. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2023.

Em *Terra De Gigantes/ Números* (Figura 20), o eu-lírico reflete sobre sua existência, percebendo que no passado ele "sabia exatamente o que fazer". No entanto, ele se sente perdido em um lugar onde se percebe diferente, incapaz de se encaixar na sociedade consumista em que “a juventude é uma banda numa propaganda de refrigerantes”. Ele ressalta que "há sempre alguma coisa que a gente não consegue entender". Na ilustração, optei por representar uma multidão olhando fixamente para um ponto em comum, todos iguais e em tons de cinza, enquanto o personagem principal se destaca em cores no meio deles, olhando diretamente na direção do espectador. Essa representação visual destaca a sensação de não pertencimento e de sentimento de isolamento. A multidão também está só. São várias pessoas solitárias entre tantas pessoas:

“o mundo todo é uma ilha” poderia ser trocado para “todo mundo é uma ilha” numa “terra de gigantes que trocam vidas por diamantes”.



Figura 21 - “De Fé”. Ilustração digital 3500x3500 pixels. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2023.

Na música *De Fé* (Figura 21), a letra aponta situações em que o eu lírico vê a necessidade de se distrair de situações que o estressam, enfatizando que só há uma pessoa amada pelo sujeito da letra e que somente ela importa, como se percebe no trecho "eu tenho muitos amigos, tenho discos e livros, mas quando eu mais preciso, eu só tenho você". Optei por uma representação dessa música em que o sujeito tem o olhar voltado para o objeto do seu amor, destacando que seus amigos, discos e livros não são suficientes para satisfazê-lo. A ilustração também foi pensada evocando algo onírico, fora da realidade material em que figuram o sujeito e seu objeto de afeto. Há uma idealização do outro expressa nas palavras “meu esconderijo, meu altar”. As figuras da ilustração são um tanto irreais, sem íris nos olhos. O olhar delas não se fixa na realidade.



Não vim até aqui pra desistir agora
Entendo você se você quiser ir embora
Não vai ser a primeira vez nas últimas 24 horas
Mas eu não vim até aqui pra desistir agora

Minhas raízes estão no ar
Minha casa é qualquer lugar
Se depender de mim, eu vou até o fim

Voando sem instrumentos
Ao sabor do vento
Se depender de mim, eu vou até o fim

Até o fim

Não vim até aqui pra desistir agora
Entendo você se você quiser ir embora
Não vai ser a primeira vez em menos de 24 horas
A ilha não se curva noite adentro, vida afora

Toda vida, o dia inteiro
Não seria exagero
Se depender de mim, eu vou até o fim

Cada célula, todo fio de cabelo
Falando assim parece exagero
Mas se depender de mim, eu vou até o fim

Até o fim

Não vim até aqui pra desistir agora
Não vim até aqui pra desistir agora
Eu não vim até aqui pra desistir

Figura 22 - “Até O Fim”. Ilustração digital 3500x3500 pixels. Elaborado por Gabriel Aleixo, 2023.

"Até O Fim" (Figura 22) é uma canção que retrata a recusa do personagem em desistir. Em nenhum momento ele se entrega, buscando ir "Até O Fim", conforme mencionado na música. O interessante é que ele não especifica qual é o seu objetivo final, o que sugere que ele pode estar falando de uma situação da vida, alguém que vive no limite. Na ilustração, achei interessante representar um escalador em uma montanha, com o desejo de alcançar o topo. Além disso, incluí obstáculos próximos ao solo para ressaltar a dificuldade enfrentada pelo escalador e seu objetivo. Essa representação contribui para a analogia presente na música.

3. Considerações Finais

Durante todo o processo que vivenciei ao longo da faculdade e, mais especificamente, no projeto de ilustração *Meu Top Ten -Ilustrando Engenheiros do Hawaii* deparei-me com a complexidade de estabelecer uma relação coerente entre texto e imagem. Busquei criar uma interação em que ambas as narrativas se inter-relacionassem sem que uma fosse subordinada à outra, mas sim se traduzissem de modo a haver uma parceria entre linguagens, uma tarefa desafiadora que exigiu reflexão e experimentação.

Ao refletir sobre minha trajetória ficou evidente, para mim, que meu campo de interesse sempre apontou para a ilustração e, mais especificamente, uma ilustração que vai de encontro ao gosto pela imagem que tem uma relação direta com a comunicação de massa. O reconhecimento da afinidade que meu trabalho tem com a cultura de massa foi importante para me entender como ilustrador e, também, para a escolha do projeto a que me propus como encerramento da minha trajetória de formação acadêmica. Artistas da Pop Art como Andy Warhol e Roy Lichtenstein que transitaram na relação entre música e ilustração, foram uma referência importante para a linha de trabalho escolhida.

Um dos principais desafios foi encontrar um equilíbrio entre a mensagem do texto escolhido e a possível tradução visual dessa mensagem sem cair numa leitura literal. Conscientizei-me da necessidade de oferecer uma perspectiva ampliada em relação ao que estava descrito na letra de cada música trazendo minhas próprias impressões e ideias não descritas, mas inferidas nas entrelinhas. Encontrar esse ponto de equilíbrio foi um processo complexo, pois não queria me distanciar completamente do texto e da mensagem da música.

Para garantir a unidade do conjunto, adotei estratégias como o uso de cores fortes, uma paleta de cores que relacionasse as ilustrações umas às outras, mas que, ao mesmo tempo traduzissem a atmosfera desejada para cada uma delas. Também optei por composições que guardavam relativa semelhança e escolhas de tratamento com sombreamento e texturas com o mesmo padrão em todas as ilustrações. Essas escolhas contribuíram para manter uma coerência visual de modo que as ilustrações funcionassem como conjunto.

Em última análise, esse projeto e todo o processo vivenciado apontaram para uma direção significativa em relação ao meu trabalho. Percebi a importância da resolução de problemas por meio da ilustração, mesmo diante de limitações. Entendo que enfrentar os

desafios que surgem e encontrar solução para os problemas que se apresentam é uma oportunidade de encontrar caminhos para soluções criativas.

No projeto *Meu Top Ten – Ilustrando Engenheiros do Hawaii*, a dificuldade de criar em consonância com um texto ficou evidente. Trabalhar ilustrações de modo coerente exige um compromisso com o texto do outro uma vez que é necessário estabelecer um diálogo com uma ideia que foi desenvolvida por alguém e que chega ao ilustrador como ponto de partida para sua própria narrativa. Não se parte do zero. Na verdade, mesmo um projeto absolutamente inovador nunca parte do zero. Tudo o que criamos está carregado de um repertório que acumulamos durante uma vida, mas criar em parceria com o texto de alguém requer, ao mesmo tempo compromisso com esse texto e independência para a proposição de uma leitura que traz as nossas próprias percepções.

No projeto final, as escolhas da Banda e das músicas já disseram algo de mim. Traduzem meu próprio sentimento de sujeito no mundo. Nas imagens criadas, as músicas ressoam como uma voz que aponta um caminho que não sei onde vai dar, mas sei que é urgente seguir. Inicia-se agora a minha jornada numa *Infinita Highway* em que o futuro pode ser uma promessa.

Referências

Publicações:

DEMPSEY, A. Estilos, Escolas e Movimentos – Guia enciclopédico da Arte Moderna. São Paulo : Cosacnaify, 2003.

OLIVEIRA, R. Pelos Jardins Boboli- Reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Referências Digitais:

ARTIGONAL. Disponível em: <www.artigonal.com.br>. Acesso em 08 de novembro de 2022.

DISCOGS. The Velvet Underground & Nico - The Velvet Underground & Nico. Disponível em: <https://www.discogs.com/master/35276-The-Velvet-Underground-Nico-The-Velvet-Underground-Nico>. Acesso em 13 de novembro de 2022.

GUIA DAS ARTES. Andy Warhol - Quem foi. Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/andy-warhol/quem-foi>. Acesso em 11 de novembro de 2022.

MIRANDA, I. The Velvet Underground & Nico: A capa que gerou a lenda. Disponível em: <https://igormiranda.com.br/2022/03/the-velvet-underground-nico-capa/>. Acesso em 05 de dezembro de 2022.

DI LUA, L. Disponível em: <https://www.larydilua.com/>. Acesso em 06 de novembro de 2022.

LICHTENSTEIN FOUNDATION. Biography. Disponível em: <https://lichtensteinfoundation.org/biography/>. Acesso em 10 de fevereiro de 2023.

LOBO POP ART. Melhores capas de discos. Disponível em: <https://lobopopart.com.br/melhores-capas-de-discos/>. Acesso em 11 de fevereiro de 2023.

PENSADOR.COM. Disponível em: <https://www.pensador.com/>. Acesso em 01 de novembro de 2022.